

SURDO-MUDO OU DEFICIENTE AUDITIVO? ANALISANDO A MUDANÇA LEXICOLÓGICA À LUZ DA LEXICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA

Marcos Roberto dos Santos¹

Universidade do Estado do Amazonas, UEA, Manaus, AM, Brasil

Francilene Machado de Almeida²

Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF, Brasil

Falk Soares Ramos Moreira³

Instituto Federal de Brasília, IFB, Brasília, DF, Brasil

Renata Rodrigues de Oliveira Garcia⁴

Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia, GO, Brasil

Marta Ingrith Cabrera Molina⁵

Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF, Brasil

Resumo: Este trabalho objetiva analisar a mudança lexical do termo *surdo-mudo* para *deficiente auditivo*, tendo como base os estudos da Lexicologia Sócio-Histórica. Foram utilizados autores como Matoré (1973), Biderman (1981, 1999) etc. A pesquisa apresentada é documental e quali-quantitativa. O corpus é composto por 200 textos do Jornal do Brasil, Rio de Janeiro. Foi possível constatar aproximadamente 16.000 ocorrências de lexias (*tokens*) e 7.000 de lexias (*types*). Foi delimitado o período de investigação para *surdo-mudo* de 1930 a 1969 e para *deficiente auditivo* de 1970 a 2009. Os resultados apontam ocorrência de neologismo, pois os termos ora competem entre si ora se substituem.

Palavras-chave: Surdo-mudo; Deficiente Auditivo; Léxico.

¹ Aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UnB), mestre em Letras e Artes (PPGLA/UEA), professor assistente da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), coordenador da Coordenação de Políticas para a Pessoa Surda (COPPS/PROGRAD/UEA), líder do Grupo de Estudos e Pesquisa de Língua de Sinais na Amazônia (GEPELISA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7011-0799>. E-mail: mrdsantos@uea.edu.br.

² Aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Évora (EU/Portugal), mestre em Linguística (PPGL/UnB), professora auxiliar do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) da Universidade de Brasília (UnB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3868-6656>. E-mail: franmachado@unb.br.

³ Doutor em Linguística (PPGL/UnB), professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Brasília (IFB), diretor da Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos (DIPEBS/SECADI/MEC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4190-8715>. E-mail: falk.moreira@ifb.edu.br.

⁴ Doutora em Linguística (PPGL/UnB), mestre em Ciências da Saúde (UFG), professora adjunta da Universidade Federal de Goiás (UFG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5861-2187>. E-mail: renata.garcia.ufg@gmail.com.

⁵ Aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UnB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8720-2884>. E-mail: martamolnacabrera@gmail.com.

Title: DEAF-MUTE or HEARING IMPAIRED? Analyzing lexicological change in the light of Social-Historical Lexicology

Abstract: This work aims to analyze the lexical change of the term *deaf-mute* to *hearing impaired*, based on the studies of Socio-Historical Lexicology. Authors such as Matoré (1973), Biderman (1981, 1999), etc., were used. The presented research is documental and qualitative-quantitative. The corpus consists of 200 texts from the newspaper *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro. It was possible to verify approximately 16,000 occurrences of lexias (tokens) and 7,000 of lexias (types). The period of investigation was delimited for the *deaf-mute* from 1930 to 1969 and for *hearing impaired* from 1970 to 2009. The results indicate the occurrence of neologisms, as the terms sometimes compete with each other, and sometimes replace each other.

Keywords: Deaf-mute; Hearing impaired; Lexicon.

Considerações Iniciais

Surdo-mudo ou deficiente auditivo? É comum os surdos⁶, professores e intérpretes de Libras serem indagados, por pessoas que desconhecem o universo da surdez, sobre o sentido dessas palavras ou a diferença entre elas. Ainda, paira na sociedade a dúvida sobre o termo politicamente correto, pois são frequentes seus usos equivocados nas mídias televisivas, impressas e redes sociais.

Frente a esse fato, torna-se necessário compreender o sentido dado aos termos mencionados, o que pode ser feito a partir dos seguintes questionamentos: a) como se construíram os discursos em relação a esse grupo social? b) quais fatores intralinguísticos e extralinguísticos impulsionam o surgimento desses termos? e c) por que ocorre essa variação lexicológica?

Para responder a essas questões, foi realizada uma análise das mudanças lexicais do termo *surdo-mudo* para *deficiente auditivo* à luz da Lexicologia Sócio-Histórica. Com base em alguns dos principais conceitos dessa teoria, refletiu-se sobre concepções sociais acerca do sujeito surdo⁷. Além disso, realizou-se um estudo sobre como os fatores sócio-históricos influenciam na escolha de unidades linguísticas, como, por exemplo, o léxico.

Dessa forma, conceber as palavras nessa perspectiva teórica implica a associação dessas com o meio social, uma vez que a materialização da (re)significação do mundo se dá por meio delas. Essa temática será abordada mais teoricamente na próxima seção.

Que palavra é essa?

As palavras possuem forte relação com o contexto social. Dessa forma, a composição

⁶ Na atualidade, a comunidade surda brasileira utiliza o termo *surdo* para enfatizar sua cultura, identidade e língua. Logo, este termo também será usado no artigo, mas não com finalidade analítica.

⁷ O termo *sujeito surdo* é adotado neste trabalho para se referir às pessoas que possuem cultura visual e espacial; seus processos cognitivos e as formas de significar e interpretar o mundo se dão por meio da língua de sinais (FELIPE; MONTEIRO, 2001).

do léxico de uma língua expressa uma construção cultural e discursiva, como modo de conceber, simbolizar, categorizar e classificar o mundo. Segundo Matoré (1973), é nessas práticas socioculturais que se constrói o léxico e se dá o processo de mudança lexical. Por outro lado, para Biderman (1981, p. 133), “[...] o léxico pode ser considerado como uma categorização simbólica organizada, que classifica de maneira única as experiências humanas de uma cultura”.

Um estudo que se propõe a analisar a mudança lexical deve levar em consideração a conexão entre o léxico, os seus usuários e a sociedade. Ao abordar sobre o léxico, é preciso adentrar no universo da palavra, a qual se constitui como uma unidade complexa e de difícil significação. O que é a palavra? Quais são seus limites? Como se classifica? Por isso, este trabalho recorre à definição de palavra proposta por Biderman (1999, p. 82), a qual afirma que “[...] o conceito de palavra não pode ter valor absoluto; ele é relativo e varia de língua para língua”. Como se pode observar, não há uma definição exata de palavra; ela é relativa e seu significado depende da língua, da cultura e dos distintos enfoques teóricos.

Devido a essa complexidade, há que se levar em conta as diferentes camadas que a envolvem e a inserem no sistema linguístico. Há a camada formal (fonético-fonológica e morfossintática) e há a dimensão da significação (semântica, pragmática e discursiva). Dessa forma, a utilização de uma unidade de expressão linguística implica na ativação de todos estes aspectos (MARTELOTTA, 2011).

Porém, de acordo com Biderman (1999, p. 87), “[...] se existem unidades gramaticais significantes menores do que a palavra, elas não têm significação autônoma”. Para o autor, a semântica é a última fronteira para definir a palavra, uma vez que esta é considerada como uma unidade semântica que não se pode decompor. Assim, não se trata de desprezar os aspectos fonológicos e morfossintáticos na composição das palavras, mas sim de compreender que o critério decisório final que identifica e delimita uma palavra é seu aspecto semântico. Por isso, com a finalidade de evitar a multiplicidade de conceitos de palavra, será adotado o termo “lexema” para referir-se a ela, seguindo os estudos de Biderman (1999). Uma vez exposta a discussão sobre o conceito de palavra, a seção seguinte discutirá a lexicologia em uma perspectiva Sócio-Histórica.

Um olhar sobre a Lexicologia Sócio-Histórica

Como foi discutido na seção anterior, o léxico de uma sociedade permite conhecer sua história, uma vez que revela as transformações pelas quais passa. Pode-se considerar que essas transformações Sócio-Históricas estão na memória dos lexemas da época, ou seja, nas formas que as sociedades elegeram para apresentar e expressar as informações.

Essa teoria se iniciou a partir da Lexicologia Social de Matoré (1973, p. 21), a qual compreende que “[...] uma palavra, seja abstrata seja concreta, tem sempre um valor social mais ou menos racional ou afetivo: é por esse aspecto da significação que se interessa a

lexicologia.” Dessa forma, a língua é um sistema que se realiza em uma comunidade de fala que lhe confere os usos necessários para informar e transmitir suas experiências tanto individuais quanto sociais. Nesse sentido, a função do léxico está na necessidade de materializar a consciência sobre as coisas, pois:

Para a lexicologia, os fatos sociais têm, com efeito, o aspecto de coisas, mas das coisas vistas, sentidas, compreendidas pelos homens; nossa disciplina deverá então visar às realidades sociológicas das quais o vocabulário é a “tradução”, ao mesmo tempo objetivamente, como realidades independentes do indivíduo, e subjetivamente, em função dos seres que vivem em um meio concreto, em certas condições sociais, econômicas, estéticas etc. (MATORÉ, 1973, p. 42-43).

Esse processo se constitui, a princípio, individualmente e fortalece-se nas interações sociais até se tornar coletivo. Os estudiosos do léxico podem mapear a história de uma sociedade e, por meio desse mapeamento, chegar a um entendimento da complexidade de suas relações e significações, pois a lexicologia tem por objeto, de forma análoga à sociologia, o estudo dos fatos sociais. A diferença está no olhar sobre o fenômeno: a sociologia tem como objeto de estudo os fatos sociais, já a lexicologia enfatiza o léxico de uma língua para explicar os fatos sociológicos. Isso demonstra que, por mais que, em sua proposta, Matoré (1973) tenha apresentado um entendimento do léxico como um sistema, retomando uma concepção estruturalista, há, ao mesmo tempo, um distanciamento dessa teoria linguística, uma vez que havia, inclusive, uma compreensão de que a língua e suas mudanças estavam para além do sistema e encontravam-se também na sociedade e no uso que esta faz da língua (CAMBRAIA, 2013).

Diante dessa relação entre léxico e sociedade, pode-se observar que a quantidade de palavras de uma língua está sempre se atualizando, e isso ocorre por causa dos neologismos. Conforme Matoré (1953 apud CAMBRAIA; ROMERO, 2015, p. 3), um neologismo é uma “[...] [a]cepção nova introduzida no vocabulário de uma língua em uma dada época”. Os neologismos podem se constituir como: a) neologismo de forma, quando há a inserção de um novo item lexical; b) neologismo de sentido, quando se emprega um novo significado a uma palavra que já está em uso; e c) quando ocorre a variação da categoria gramatical da palavra (CAMBRAIA; ROMERO, 2015).

Com essa definição e classificação de neologismos, pretende-se trazer à reflexão, neste trabalho, que o termo “deficiente auditivo” se classifica como um neologismo de forma, pois é uma palavra nova em substituição ao termo “surdo-mudo”. Dessa maneira, conhecer as práticas sociais discursivas que contribuíram para o surgimento desse lexema é fundamental, e será abordado na próxima seção.

Conhecendo as concepções de surdez

Conforme abordado na seção anterior, o léxico de uma língua também retrata um momento social. Por isso, nesta seção, serão abordadas as concepções sociais sobre a surdez que demonstram a forte influência nos termos *surdo-mudo* e *deficiente auditivo*, analisados neste artigo.

Com a Revolução Industrial, principalmente no mundo ocidental, há uma intensa busca pelo saber e pelo desenvolvimento de tecnologias. Esse fenômeno é fortemente reverberado na medicina, que passa a adentrar em diversas áreas, inclusive na área da surdez. Garcia (2016) cita o médico francês Jean Marc Itard, um dos pioneiros a fazer pesquisas e trabalhar com tentativas de cura para a surdez no início do século XIX.

Com esse movimento, a surdez passa a ser concebida como uma patologia. Moreira (2014, p. 40) afirma que “[...] a educação das pessoas com deficiência por muito tempo foi vista como uma necessidade médica, uma visão médica das deficiências e com isso a internação dessas pessoas em classes e escolas especiais.” Conforme o pesquisador, essa concepção clínica de surdez influencia fortemente a educação e, conseqüentemente, toda a sociedade. Nessa perspectiva, o surdo precisa de reabilitação, ou seja, fazer uso de próteses auditivas, realizar implantes cocleares e adquirir a fala oral para ser considerado como normal.

Já na pós-modernidade, surgem, com pensadores britânicos, os estudos culturais. A cultura, então, é compreendida como um conjunto de fatores que emerge a diferença entre um grupo social e outro; entram na esteira desse debate as questões étnicas, de gênero, de sexualidade e também dos surdos. Nessa concepção, que está sob a ótica sócio-antropológica, a comunidade surda é dotada de cultura.

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo mais acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (STROBEL, 2015, p. 29).

Conforme a autora, a cultura surda envolve os aspectos que dão sentido à existência dos surdos, diferenciando-os dos ouvintes, como, por exemplo, a língua, os costumes, as lutas etc. Nessa concepção, a educação dos surdos deixa de ser baseada em modelos clínicos e adquire um caráter mais linguístico, com uma proposta de uma educação bilíngue, na qual a língua de sinais assume o papel de primeira língua e a língua oral, o de segunda língua, porém na modalidade escrita. Há uma diferenciação entre o trabalho pedagógico e o trabalho terapêutico; este é de responsabilidade dos profissionais de saúde (fonoaudiólogos e médicos) e depende do interesse dos surdos, enquanto aquele é de responsabilidade dos profissionais da educação.

Assim, a discussão sobre essas concepções de surdez possibilita uma maior

compreensão das práticas sociais circulantes que subsidiam os surgimentos dos neologismos aqui discutidos. A próxima seção abordará sobre o percurso metodológico que possibilitou uma análise mais sistemática do tema proposto.

Procedimentos Metodológicos

Para a realização do trabalho, foi preciso seguir os caminhos metodológicos necessários para o tratamento rigoroso dos dados e para a sua análise. Trata-se de uma pesquisa documental e de uma abordagem quali-quantitativa.

A coleta do *corpus* aconteceu por meio da seleção de textos de jornais digitalizados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Para a coleta, foi adotado o acervo do Jornal do Brasil (JB), do Rio de Janeiro. Após a escolha dessa mídia, foram realizados os seguintes passos:

- a) escolha dos lexemas a serem pesquisados no portal de periódicos nacionais – Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional –, sendo eles: *surdo-mudo* e *deficiente auditivo*.

- b) realização da busca dessas palavras no portal.

Assim, foi obtido o seguinte resultado:

Tabela 1 – Ocorrências dos lexemas no JB

PERÍODO	SURDO-MUDO	DEFICIENTE AUDITIVO
1890 a 1899	10	0
1900 a 1909	59	0
1910 a 1919	43	0
1920 a 1929	26	0
1930 a 1939	27	0
1940 a 1949	12	0
1950 a 1959	51	0
1960 a 1969	39	0
1970 a 1979	97	11
1980 a 1989	132	27
1990 a 1999	88	141
2000 a 2009	50	489
2010	0	3

Fonte: Elaboração própria (2022).

As tabelas a seguir demonstrarão o número de ocorrências por década desses lexemas de 1930 a 2009 e, em seguida, o Gráfico 1 apresenta os números em porcentagem, para que se possa visualizar a proporção dessas ocorrências:

Tabela 2 – Frequências das ocorrências

	PERÍODO	SURDO-MUDO	DEFICIENTE AUDITIVO
SINCRONIA 1	1930 a 1939	27	0
	1940 a 1949	12	0
	1950 a 1959	51	0
	1960 a 1969	39	0
SINCRONIA 2	1970 a 1979	97	11
	1980 a 1989	132	27
	1990 a 1999	88	141
	2000 a 2009	50	489

Fonte: Elaboração própria (2022).

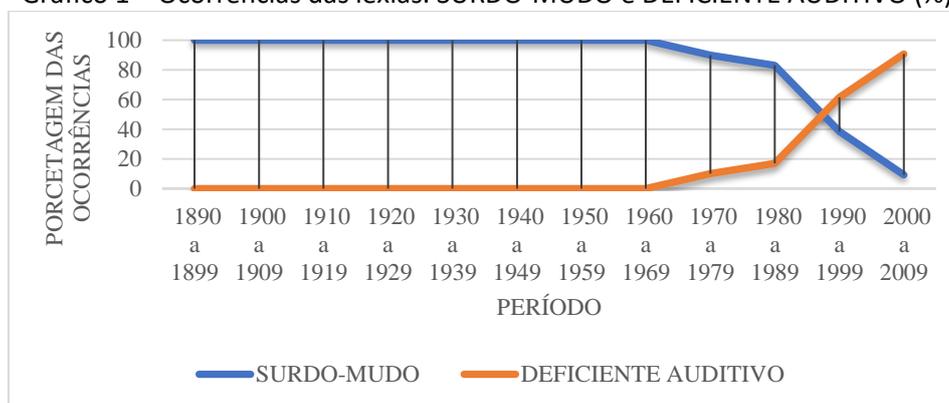
Tabela 3 – Porcentagem (%) das ocorrências

PERÍODO	SURDO-MUDO	DEFICIENTE AUDITIVO
1930 a 1939	100	0
1940 a 1949	100	0
1950 a 1959	100	0
1960 a 1969	100	0
1970 a 1979	90	10
1980 a 1989	83	17
1990 a 1999	38	62
2000 a 2009	9	91

Fonte: Elaboração própria (2022).

c) Conforme demonstrado na Tabela 2, foi escolhida a Sincronia 1, que compreende o período de 1930 a 1969, para a busca pelo termo *surdo-mudo* e a Sincronia 2, que compreende o período de 1970 a 1999, para o termo *deficiente auditivo*. É importante dizer que, para cada sincronia, foram escolhidos 100 textos, totalizando 200 textos. Assim, devido à diferença de extensão de cada texto, optou-se por delimitar ambos os *corpora* à extensão de aproximadamente 16.000 ocorrências de lexias (*tokens*) e 7.000 ocorrências de lexias (*types*). Essa delimitação do período se deu porque, desde 1930, já se fazia uso do termo *surdo-mudo* e, a partir da década de 1970, o termo *deficiente auditivo* passou a concorrer com o primeiro, como se pode observar no gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Ocorrências das lexias: SURDO-MUDO e DEFICIENTE AUDITIVO (%)



Fonte: Elaboração própria (2022).

Dessa forma, é possível visualizar o período em que ocorre a substituição de uma unidade linguística pela outra.

d) Após as sincronias estarem delimitadas, foram coletados os textos dos jornais que apresentavam ocorrências desses termos. O *website* da Hemeroteca Digital permite salvar apenas os textos em formato *.jpeg*, ou seja, em imagem. Assim, foi preciso lançar mão do *software ABBYY Fine Reader 15*, o qual realiza reconhecimento óptico de caracteres (OCR, do inglês *Optical Character Recognition*), possibilitando a conversão de *.jpeg* em *.docx* ou *.txt* (formatos de texto). Durante esse processo, a principal barreira encontrada estava nas imagens dos jornais mais antigos, em razão de sua má qualidade, o que dificultou a conversão em texto.

Vale ressaltar que, para a seleção desses textos a serem convertidos, foram aplicados alguns critérios de inclusão: i) não poderiam ser textos repetidos para não alterar o resultado da pesquisa; e ii) foram descartados os textos que possuíam sentido metafórico – por exemplo, foram encontrados textos que relacionavam o termo *surdo-mudo* a um período improdutivo da música brasileira. Com estas exclusões, não houve textos suficientes para completar a quantidade de 100 textos na sincronia 2, sendo necessário prolongar seu período até o ano de 2007.

e) Com as imagens já convertidas em textos, os arquivos foram salvos em formato *.txt* para serem aplicados ao *software AntConc*, o qual é um programa concordanciador utilizado para listar as ocorrências de lexias ou frases. Foram usadas as ferramentas *Wordlist* e *Concordance* desse programa: a primeira gera uma lista de todas as lexias que ocorrem no arquivo selecionado por ordem alfabética ou por frequência de uso, já a segunda gera trechos de concordância do termo pesquisado. Para a geração das lexias dentro dos textos das sincronias, houve critério de inclusão de palavras devido ao seu valor semântico. São os substantivos, adjetivos, verbos e advérbios terminados em *-mente*: classes abertas. Além de preposições, artigos, conjunções e pronomes, os outros tipos de advérbios e verbos de ligação, foram excluídos também os nomes próprios de pessoas e lugares.

Com esse tratamento do *corpus* no *Antconc*, foi possível aplicar o processo de lematização para detectar as lexias mais frequentes em cada sincronia e também as lexias atribuídas aos lexemas pesquisados, como mostra a Tabela a seguir:

Tabela 4 – Lematização dos lexemas *surdo-mudo* e *deficiente auditivo*

Sincronia 1 – 1930 a 1969			Sincronia 2 – 1970 a 2007		
Lexia	Lexias	Freq.	Lexia	Lexias	Freq.
	Surdo-mudo	156		Deficiente auditivo	131
	Surdos-mudos	73		Deficientes auditivos	37
	Surdo-mudos	5		Deficiência auditiva	17
	Surdos e mudos	4		Deficientes de audição ⁸	2
	Surda-muda	4		Deficiente auditiva	1
	Surdo e mudo	2			
	Surdas e mudas	2			
	Surda e muda	2			
	Surdas-mudas	1			
Lexema	SURDO-MUDO	249	Lexema	DEFICIENTE AUDITIVO	188

Fonte: Elaboração própria (2022).

A lematização dos lexemas pesquisados neste trabalho é de muita valia, pois permite um olhar mais ampliado pelas variações das ocorrências que possuem o mesmo valor semântico (BATISTA; SANTOS; BOM CONSELHO, 2018). Como se pode perceber na Tabela 4, há variações lexicais, de número e de gênero. Em relação às tabelas de lematização das frequências de lexias que serão apresentadas na análise, é importante dizer que foram geradas no *AntConc* duas listas de lexias (*types*), sendo uma referente à Sincronia 1 e outra à Sincronia 2. Essas lexias foram submetidas a um processo de lematização parcial, uma vez que não foram lematizados todos os itens lexicais do *corpus*, mas apenas as cem (100) lexias mais frequentes, as quais foram agrupadas de acordo com o lexema (*lemmas*) ao qual pertencem.

Um fator interessante de se destacar neste trabalho é a inviabilidade de uma pesquisa mais sociolinguística, como a identificação de gênero, de faixa etária, de classe social etc., pelo fato de a maioria das reportagens não serem assinadas. Porém, em processo empírico, pode-se inferir que se trata de pessoas com um grau de instrução mais elevado por serem, na maioria dos casos, jornalistas, bem como pela utilização formal e padrão da Língua Portuguesa.

Assim, após o tratamento dos dados coletados, a seção seguinte realizará uma análise dos itens lexicais já lematizados, os quais revelam um olhar mais holístico sobre o uso dos termos que são alvos deste trabalho e sua relação com o meio social.

Demonstração e análise dos dados

Após explicitado o percurso metodológico para a realização da pesquisa, nesta seção serão realizadas a análise e discussão dos dados. Para dar início, é importante dizer que foi tomada como base a noção de *palavra* apresentada por Matoré (1973, p. 6), o qual afirma que a palavra “[...] não está isolada na consciência. Ela faz parte de um contexto, de uma frase,

⁸ Essa lexia foi inserida à tabela de lematização do lexema *deficiente auditivo* pelo fato de ela fazer correspondência às demais.

que, em parte, a determina; ela está também ligada a outras palavras que se assemelham a ela seja pela forma ou pelo som seja pelo sentido”. Assim, as palavras se relacionam umas com as outras, e nelas estão refletidas as vidas das sociedades, pois são carregadas de sentidos que marcam um contexto histórico, social e cultural.

As palavras analisadas são *surdo-mudo* e *deficiente auditivo*, as quais, em seu processo de formação como neologismos, são classificadas como uma composição:

[...] o processo de composição implica a justaposição de bases autônomas ou não – autônomas. A unidade léxica composta, que funciona morfológica e semanticamente como um único elemento [...] revela um caráter sintático, subordinativo ou coordenativo (ALVES, 1990, p. 41).

Assim, *surdo-mudo* se classifica como uma composição coordenativa, pois ambos os elementos têm significados independentes. Já *deficiente auditivo* se apresenta como uma composição subordinativa, uma vez que o segundo elemento restringe o significado do primeiro, isto é, há uma relação de determinado e determinante.

A análise iniciará por uma visão panorâmica das lexias que se relacionam aos termos pesquisados e o processo de categorização dos campos semânticos, bem como por uma reflexão sobre os sentidos desses lexemas sob a perspectiva da Lexicologia Sócio-Histórica, as quais serão mais detalhadas nas seções seguintes.

Um olhar sobre os lexemas SURDO-MUDO e DEFICIENTE AUDITIVO

A lexicologia compreende o léxico a partir de uma parte pertencente a um todo, ou seja, um item lexical se relaciona com outros sistematicamente. Além disso, os significados desses itens lexicais estão estritamente relacionados ao contexto social. Conforme já foi discorrido nos procedimentos metodológicos sobre o *corpus*, serão realizadas as análises, primeiramente, da Sincronia 1, a qual se refere à frequência de ocorrências de lexias relacionadas ao lexema *surdo-mudo* no período que vai de 1930 a 1969, no periódico *Jornal do Brasil*.

Após o tratamento dos dados por processo de lematização, atingiu-se a seguinte lista com as lexias mais frequentes vinculadas à palavra-alvo:

Tabela 5 – Frequência das lexias relacionadas ao termo *surdo-mudo* (1930-1969)

Ordem	Lexema	Freq.	Ordem	Lexema	Freq.	Ordem	Lexema	Freq.
1	SURDO	278	42	DOUTOR	21	83	EXPRESSÃO	14
2	MUDO	246	43	FAZER	20	84	JOVEM	14
3	ANO	118	44	FILHO	20	85	LINGUAGEM	14
4	ARTIGO	80	45	FORMA	20	86	MEDIDA	14
5	PROFESSOR	79	46	PROCESSO	20	87	PESSOA	14
6	INSTITUTO	77	47	RUA	20	88	SANTO	14
7	ARTE	69	48	CASA	19	89	TEMPO	14
8	BRASIL	57	49	DIA	19	90	VIR	14
9	CURSO	56	50	FAMÍLIA	19	91	ATUALMENTE	13
10	PODER (verbo)	46	51	MODO	18	92	COISA	13
11	CRIANÇA	46	52	NOVO	18	93	DIRETOR	13
12	NACIONAL	43	53	EXEMPLO	17	94	EVANGELHO	13
13	FALAR	42	54	FORMAÇÃO	17	95	FIM	13
14	ENSINO	40	55	MÃO	17	96	LÍNGUA	13
15	JUIZ	39	56	PALAVRA	17	97	PARIS	13
16	PADRE	37	57	PRESIDENTE	17	98	PONTO	13
17	DEUS	34	58	PÚBLICO	17	99	SOCIAL	13
18	FEIRA	33	59	RIO (de Janeiro)	17	100	GENE	12
19	EDUCAÇÃO	32	60	SENTENÇA	17			
20	EDIÇÃO	31	61	SOCIEDADE	17			
21	JORNAL	31	62	ACUSAR	16			
22	VIDA	31	63	ESCOLA	16			
23	DOMINGO	30	64	MISSA	16			
24	DIZER	30	65	ROMANCE	16			
25	BURNIER	29	66	IR	16			
26	GRANDE	29	67	VER	16			
27	DIA	28	68	APLICAÇÃO	15			
28	PARTE	28	69	ASSISTÊNCIA	15			
29	CIDADE	27	70	FILME	15			
30	MUNDO	27	71	GRAÇA	15			
31	PLÁSTICAS	26	72	HORA	15			
32	CASO	24	73	IDADE	15			
33	CÓDIGO	24	74	LIVRO	15			
34	PAIS	24	75	MINISTÉRIO	15			
35	PENAL	24	76	TRABALHAR	15			
36	HISTÓRIA	23	77	ÚNICO	15			
37	OLHO	23	78	AUDIÇÃO	14			
38	VEZ	23	79	CAPITAL	14			
39	ALUNO	22	80	AÇÃO	14			
40	HOMEM	22	81	DIREÇÃO	14			
41	JESUS	22	82	DUAS	14			

Fonte: Elaboração própria (2022).

O outro lexema analisado na Sincronia 2, que compreende o período de 1970 a 1999, *deficiente auditivo*, apresenta as seguintes lexias mais frequentes:

Tabela 6 – Frequência das lexias relacionadas ao termo *deficiente auditivo* (1970-1999)

Ordem	Lexema	Freq.	Ordem	Lexema	Freq.	Ordem	Lexema	Freq.
1	DEFICIENTE	166	37	ESCOLA	16	73	SINAIS	11
2	AUDITIVO	147	38	FICAR	16	74	TRATAMENTO	11
3	ANO	115	39	INSTITUTO	16	75	AUDIÇÃO	10
4	EDIÇÃO	63	40	PESSOA	16	76	COMUNICAR	10
5	SURDO	55	41	VIDA	16	77	COMUNICAÇÃO	10
6	TRABALHAR	49	42	AMIGO	15	78	CONTROLE	10
7	EDUCAÇÃO	35	43	APADA	15	79	EMPRESA	10
8	CENTRO	33	44	ENSINAR	15	80	FALAR	10
9	APARELHO	31	45	FAMÍLIA	15	81	FORMA	10
10	PAIS	31	46	MAIOR	15	82	IMPORTANTE	10
11	FEIRA	30	47	MERCADO	15	83	INSCRIÇÃO	10
12	PESSOA	30	48	PROBLEMA	15	84	INTEGRAÇÃO	10
13	DIA	29	49	SOM	15	85	MÊS	10
14	ALUNO	27	50	TELEFONE	15	86	NORMAL	10
15	PODER (verbo)	27	51	CURSO	14	87	PROJETO	10
16	DANÇAR	26	52	DOMINGO	14	88	RECURSO	10
17	NACIONAL	26	53	SERVIÇO	14	89	RUA	10
18	RIO (de Janeiro)	24	54	DESAFIO	13	90	TELEVISÃO	10
19	PRESIDENTE	23	55	DESENVOLVIMENTO	13	91	VEZ	10
20	ASSOCIAÇÃO	22	56	GRANDE	13	92	VISUAL	10
21	AUDITIVO	21	57	PARTE	13	93	COMUM	9
22	BRASIL	21	58	PERDONCINI	13	94	CONTATO	9
23	DIZER	21	59	IR	13	95	ESTUDAR	9
24	ESPECIAL	21	60	CIDADE	12	96	EXCEPCIONAL	9
25	CRIANÇA	20	61	CONVÊNIO	12	97	GRAU	9
26	FILHO	20	62	DEZEMBRO	12	98	OBJETIVO	9
27	DEFICIÊNCIA	19	63	FAZER	12	99	OUVIDO	9
28	MÉTODO	18	64	GRUPO	12	100	PORTADOR	9
29	PROFESSOR	18	65	PROFISSIONAL	12			
30	SURDEZ	18	66	EDUCACIONAL	11			
31	ATENDIMENTO	17	67	EXEMPLO	11			
32	JANEIRO	17	68	FUNCIÓNAR	11			
33	LINGUAGEM	17	69	JORNAL	11			
34	REABILITAÇÃO	17	70	PADRE	11			
35	SOCIAL	17	71	PARTIR	11			
36	SOCIEDADE	18	72	SECRETARIA	11			

Fonte: Elaboração própria (2022).

Com a realização desse processo de lematização explicitado nas tabelas acima, os lexemas foram organizados em campos semânticos. Cambraia (2013, p. 163) explica que os campos semânticos possibilitam “[...] uma noção de caráter social que expressa de maneira sintética a época estudada”.

Essa organização é de extrema importância, pois, conforme Geerarts (2010, p. 53), “[...] apenas uma demarcação mútua das palavras em consideração pode fornecer uma resposta decisiva em relação ao seu valor exato”⁹. Ou seja, por meio desses campos é possível

⁹ Nossa tradução para: “only a mutual demarcation of the words under consideration can provide a decisive answer regarding their exact value” (GEERARTS, 2010, p. 53).

identificar elementos que representam a sociedade em um determinado momento histórico, como demonstrado a seguir:

Quadro 1 – Lexemas por campos semânticos

Campos Semânticos	Exclusivos da Sincronia 1 (45)	Comuns às sincronias 1 e 2 (17)	Exclusivos da Sincronia 2 (43)
1. Educação	FALAR, CURSO, ENSINO, NACIONAL, ARTE, PALAVRA, EXPRESSÃO	ANO, EDUCAÇÃO, PROFESSOR, SURDO	AUDITIVO, FEIRA, ESPECIAL, CRIANÇA, MÉTODO, PERDONCINI, LÍNGUA, ALUNO
2. Saúde	VIDA, MUNDO, ASSISTÊNCIA, GENE		ATENDIMENTO, LINGUAGEM, PROBLEMA, TRATAMENTO, REABILITAÇÃO
3. Religião	DEUS, MUDO, GRANDE, DIA, MISSA, GRAÇA, MINISTÉRIO, LÍNGUA	PADRE, DOMINGO	
4. Polícia	DOMINGO, CIDADE, MUDO, FEIRA, CÓDIGO, CASO, ACUSAR		
5. Instituição	JORNAL	INSTITUTO, EDIÇÃO	ASSOCIAÇÃO, SURDO, CENTRO, ATENDIMENTO, PRESIDENTE, APADA
6. Artes	ARTE, PLÁSTICAS, PARTE, FILME, PÚBLICO		DEFICIENTE, NACIONAL, DANÇAR
7. Família		FAMÍLIA, PAIS, CRIANÇA, FILHO	
8. Comércio			APARELHO, ESPECIAL, SOCIAL, TELEFONE
9. Inclusão	MÃOS	SOCIAL	DIA, CONVÊNIO, INTEGRAÇÃO
10. Cidadania		SOCIEDADE, PESSOA	ESPECIAL, COMUNICAÇÃO, LINGUAGEM, PORTADOR, NORMAL
11. Mercado de trabalho			TRABALHAR, ALUNO, MERCADO, SERVIÇO, PROFISSIONAL
12. Política	NACIONAL, CAPITAL, MEDIDA		PROJETO, RECURSO
13. Justiça	DOUTOR, PROCESSO, SENTENÇA		
14. Localização	RUA, CASA	ESCOLA, CIDADE	
15. Tempo	HISTÓRIA, IDADE, ATUALMENTE		
16. Intencionalidade	FIM		OBJETIVO, DESAFIO

Fonte: Elaboração própria (2022).

Após a análise desses dados, pôde-se constatar a presença de dezesseis (16) campos semânticos vinculados aos lexemas estudados neste trabalho. Assim, é possível fazer as seguintes reflexões:

a) desses campos, é possível perceber que os que compreendem do um (1) ao onze (11) no quadro apresentam um grau de inerência mais expressivo, uma vez que possuem maior relação ao sentido que são comuns aos dois termos. Já os campos de doze (12) a dezesseis (16) possuem um menor grau de inerência de sentido relacionado aos termos;

b) na Sincronia 1, o termo *surdo-mudo* possui uma relação semântica mais focada no assistencialismo, na religião, na marginalidade e na incapacidade. Já a Sincronia 2 apresenta um efeito de sentido que enfatiza a educação dessas pessoas, bem como a inclusão delas na sociedade e no mercado de trabalho. Além disso, há também um apelo comercial pelo desenvolvimento de tecnologias que atendam a esse público; e

c) percebe-se também que, nas Sincronias 1 e 2, há um expressivo número de campos semânticos em comum, como, por exemplo, *educação, saúde, instituição, artes e família*. Embora haja a existência de campos semânticos similares, o sentido atribuído a estes é diferenciado.

Essa diferença pode ser explicitada pelo campo semântico *saúde*, que aparece em ambas as sincronias, porém com valor atribuído distinto. Na Sincronia 1, o campo semântico de *saúde* se relaciona às lexias *vida, mundo, assistência e gene*. Nesse período, a maioria das relações desse campo se refere a casos de doenças, mortes e consequências da marginalidade, como vítimas ou infratores, exemplificadas no trecho a seguir. É importante ressaltar que todas as palavras que aparecem em itálico nos fragmentos dos textos extraídos do jornal aparecem na lista dos lexemas lematizados.

“Cegos, surdos-mudos, hemofílicos, doentes e enfermos de toda e qualquer espécie, que gostariam de se casar e saber se correm o risco de pôr no *mundo* crianças anormais” (FREITAS, 1966, p. 28).

Já na Sincronia 2, as lexias relacionadas a esse campo são *atendimento, linguagem, tratamento e reabilitação*, conforme o exemplo do trecho:

“Um dos principais ângulos do desenvolvimento da criança é o da *linguagem*. A criança que nasce surda ou que fica surda antes de adquirir a linguagem (surdez pré-lingual) terá grande dificuldade nessa aquisição. Já a criança que ensurdece depois terá mais facilidade nesse aspecto” (BERGALLO, 1992, p. 10).

Isso revela que, na última sincronia, esse campo semântico assumiu um caráter mais direcionado ao sujeito como um cidadão que é objeto de estudos científicos e recebe serviços de saúde, além de haver uma forte ligação desses serviços à esfera governamental.

No campo semântico *família*, a Sincronia 1 apresenta membros familiares que aparecem nos textos como coadjuvantes de situações de marginalidade, doenças e, principalmente, assistencialismo, como se observa no exemplo:

“Em reuniões regulares mantidas pela sociedade, os pais das *crianças* portadoras desse defeito são orientados sobre a maneira como lidar com as mesmas” (ASSISTÊNCIA AOS SURDOS, 1954, p. 17).

Já na Sincronia 2, os membros se revelam como militantes nas causas desses sujeitos na busca de conquistar e assegurar direitos, como, por exemplo, a criação de institutos, a realização de eventos e a reivindicação de políticas públicas, conforme o exemplo:

“Não entendo a indiferença de quem nos governa para as dificuldades daqueles que, como eu, têm um *filho* deficiente auditivo” (CORREIA, 1990, edição 151, p. 10).

Assim, com este trabalho corrobora o estudo de Batista, Santos e Bom Conselho (2018, p. 81), ao relatarem em suas pesquisas desse mesmo par de palavras que foi possível “[...] observar a mudança de acepção sobre as duas palavras e como essas mudanças se refletem diretamente no texto e seus colocados”. Dessa forma, neste trabalho também se observa uma variação semântica desses campos nas duas sincronias. Isso contribui para a ideia de que o termo *deficiente auditivo* se mostra como um neologismo para o termo *surdo-mudo*, o que será discutido na próxima seção, na perspectiva da Lexicologia Sócio-Histórica.

Uma análise dos lexemas SURDO-MUDO e DEFICIENTE AUDITIVO à luz da Lexicologia Sócio-Histórica

Os termos em questão nesta pesquisa apresentam sentidos diferentes, conforme mencionado. Essa variação de sentido se dá em decorrência de uma mudança na concepção social. Isso se torna mais evidente ao analisar a Tabela 6 da seção anterior, a qual apresenta os campos semânticos, bem como um cruzamento de algumas lexias nas Sincronias 1 e 2, demonstrando ocorrências que apresentam formas diferentes (*types*), ou seja, não se repetem, bem como pouca incidência de lexemas que possuem formas repetidas. Tal fato revela a mudança de sentido entre os termos.

De acordo com a discussão da seção anterior, na Sincronia 1, o termo *surdo-mudo* possui uma significação semântica mais direcionada para uma concepção patológica. Isso pode ser perceptível no seguinte trecho jornalístico:

“Casar com um *surdo-mudo*, correndo o risco de perpetuar o mal, já que a hereditariedade é fator importante na surdez?” (ALMEIDA, 1968, p. 37).

Nesse trecho, evidencia-se a visão que a sociedade tinha do surdo somente pelos aspectos anátomo-fisiológicos, como se pode observar nas lexias *mal*, *hereditariedade* e *surdez*. Outro discurso que emergiu nessa sincronia foi o religioso, como se pode perceber no trecho:

“O senhor Bispo de Cochim referiu-se ainda a uma cura milagrosa de um *surdo-mudo* de nascença, que principiou a falar no momento em que lhe passava diante o andor com Nossa Senhora de Fátima” (SÁ, 1950, p. 6).

As igrejas também têm uma importante contribuição na concepção social sobre os surdos. Talvez isso tenha acontecido pelo fracasso da medicina no tratamento dessas pessoas, tendo restado o desejo da cura por meio de uma obra milagrosa, visto que a Bíblia trata desse assunto como algo curável por meio de milagres. Enquanto isso, havia uma dependência da caridade alheia. Ademais, nessa sincronia também é abordado com frequência o campo da educação, como exemplificado no excerto a seguir:

“E, graças à capacidade do professor, foi incluído na Lei n. 939, o parágrafo tido como ato do governo, criando o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, que passou a funcionar na Ladeira do Livramento” (O 83º ANIVERSÁRIO..., 1940, p. 13).

Essa noção educacional está bem presente nesse período pelo fato da criação do Instituto Nacional de Surdos-Mudos¹⁰, o qual, no período dessa sincronia, atuava em uma perspectiva totalmente oralista, ou seja, com trabalhos clínico-terapêuticos, e também funcionava em regime de internato. As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001) apontam que:

Nem sempre, mas em muitos casos, a escola especial desenvolvia-se em regime residencial e, conseqüentemente, a criança, o adolescente e o jovem eram afastados da família e da sociedade. Esse procedimento conduzia, invariavelmente, a um aprofundamento maior do preconceito (BRASIL, 2001, p. 20).

Conforme o documento supracitado, há uma significativa contribuição do campo educacional para todas as outras esferas sociais. A Educação Especial, em sua gênese, funcionava em regime residencial ou em escolas especiais que separavam os alunos do convívio em sociedade, reforçando o discurso da marginalização e da estigmatização.

Já na Sincronia 2, o lexema *deficiente auditivo* assume o papel de protagonista e apresenta um novo sentido, semanticamente mais positivo, voltado para este sujeito mais como cidadão dotado, também, de direitos, como se pode observar no trecho a seguir:

“Antes, nós praticamente implorávamos às empresas para que contratassem nossos *alunos*. Agora, as firmas sentiram que o deficiente auditivo tem uma capacidade operacional excelente e a situação mudou” (SEMANA..., 1976, p. 4).

Essa mudança no sentido do termo se dá, principalmente, porque, a partir da década

¹⁰ O Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, no Rio de Janeiro, atualmente denominado como Instituto Nacional de Surdos, foi fundado em 1857, por Dom Pedro II, o qual trouxe o professor surdo francês H Ernest Huet para dirigi-lo (SANTOS, 2017).

de 1970, iniciou-se no Brasil um movimento para a integração social. Essa abordagem rompe com a educação discutida na Sincronia 1, a qual retirava essas pessoas do convívio social. Esse modelo consistia na “[...] inserção de alunos com necessidades educacionais especiais na escola regular, que frequentavam, primeiramente, a classe especial e, caso apresentassem resultados satisfatórios, estariam aptos para participar das classes comuns” (SANTOS, 2017, p. 43).

Outro aspecto interessante que é possível notar está no fato de que, na Sincronia 1, os campos semânticos de *educação* e *saúde* estão bem relacionados. Já na Sincronia 2, apresentam-se de maneiras distintas: todos os textos que fazem referência à *saúde* pertencem às classes profissionais específicas dessa área, principalmente por fonoaudiólogos e médicos, como explicitado no exemplo:

“Atendimento fonoaudiológico e de psicomotricidade inclusive ao deficiente auditivo [...]” (ESPAÇO, 1988, p. 68).

Embora haja muitos textos que revelam uma concepção patológica da surdez, visto que tratam de hereditariedade e desenvolvimento de cirurgias e próteses auditivas, pode-se perceber uma distinção do trabalho clínico e pedagógico. Também é possível identificar textos que abordam a inclusão. Por exemplo:

“Tele-social. A Brasil Telecom disponibilizou, em diversos pontos do Distrito Federal, 28 telefones de uso público com estrutura e tecnologia avançada que permite a comunicação do deficiente auditivo” (FREITAS; DINORAH, 2007, p. 8).

Esses textos tratam da inclusão em vários aspectos, como telefones especiais, legendas na televisão e intérpretes de língua de sinais, como é possível observar no excerto acima. É importante dizer também que, na Sincronia 2, aparece com frequência o termo *surdo*, que não será alvo de análise mais detalhada, pois não é o objetivo deste trabalho. Como demonstrado no Quadro 1, esse termo se relaciona com os campos semânticos de *educação*, *inclusão*, *mercado de trabalho* e *instituição*. Isso ocorre pelo fato de que, principalmente, a partir da década de 2000, iniciou-se um intenso movimento social da comunidade surda brasileira em prol de direitos sociais e educação bilíngue. Outro fato importante foi a aprovação da Lei nº 10.436/2002, a qual reconhece a Língua Brasileira de Sinais como a língua oficial da comunidade surda do Brasil.

Com essa variação de sentido percebida entre as duas sincronias, pode-se dizer que o lexema *deficiente auditivo* se apresenta como um item lexical que, dentro de um processo histórico e social, passa a substituir o lexema *surdo-mudo*, configurando-se, então, como um neologismo.

Esse fenômeno de se apresentar como um novo item lexical em uso pode ser comprovado ao analisar a posição desses lexemas dentro do sintagma, como se vê no primeiro

registro identificado dos dois termos no mesmo texto:

“Os *surdos-mudos* já têm o seu Jornal Nacional! ‘Poxa, só domingo! Jornal Nacional é todos os dias’, essa foi a crítica, através de gestos do *deficiente auditivo* Marcelo Mattos ao assistir o Jornal Visual” (CERQUEIRA, 1988, p. 83).

O trecho original acima não apresenta, originalmente, nenhuma marca que destaque os lexemas em questão, como itálico ou aspas; porém, sabe-se que nenhum item lexical novo pode ser incluso na língua sem que haja uma relação com outro. Assim, primeiramente o termo mais antigo é utilizado, no caso, *surdo-mudo*, o qual servirá como referência para o termo novo, *deficiente auditivo*.

Mediante o exposto, percebe-se que a língua está em um constante processo de mudança, o qual não ocorre aleatoriamente. Como foi possível observar, a mudança lexical ou a criação de um neologismo vem acompanhada das transformações sociais, as quais têm a língua como uma maneira de representá-las.

Considerações Finais

Com a realização deste trabalho de análise lexical sob a perspectiva da Lexicologia Sócio-Histórica, estabeleceu-se um breve panorama de uma mudança lexical na Língua Portuguesa e sua motivação social. Foi possível observar isso nas ocorrências do termo *surdo-mudo* dentro da Sincronia 1, o qual obteve 100% de seu uso no período de 1930 até a década de 1960. A partir da década de 1970, começa a coocorrer, nos textos do jornal pesquisado, o lexema *deficiente auditivo*, tendo *surdo-mudo* a ocorrência de 90%, e *deficiente auditivo*, de 10%. Na década de 1980, *surdo-mudo* obteve uma porcentagem de 83%, e *deficiente auditivo*, de 17%. Já na década de 1990, esta proporção se inverteu: *surdo-mudo* teve uma ocorrência de 38%, e *deficiente auditivo*, de 62%. Essa mudança ficou mais significativa na década de 2000, a qual não era especificamente o objeto da pesquisa, mas demonstra uma porcentagem de 9% para *surdo-mudo* e de 91% para *deficiente auditivo*.

Esse fenômeno revela que o lexema *deficiente auditivo* surge como um neologismo, e isso acontece porque ocorre também uma mudança na concepção social sobre o sujeito surdo. Na primeira sincronia, pode-se observar uma intrínseca relação de *surdo-mudo* a uma concepção mais vinculada à exclusão, à incapacidade, à marginalidade, à benevolência e à surdez como uma doença sob o forte olhar religioso, passível de cura milagrosa. Já a partir da década de 1970, com o avanço de pesquisas nas áreas educacionais e da saúde, inicia-se uma distinção entre o fazer pedagógico e clínico, no qual há o movimento da integração educacional e, no campo da saúde, o desenvolvimento de pesquisas que possibilitam descobertas de cirurgias e tecnologias mais sofisticadas de próteses auditivas para a reabilitação dos surdos.

Dessa forma, esse contexto social de transformações no cenário mundial e brasileiro ratifica a hipótese aqui levantada de que, em um determinado período cronológico, surge o neologismo referenciado neste trabalho. É perceptível a ideia de Matoré (1973) de que o léxico pertence a um sistema em que os fatores intralinguísticos e extralinguísticos estão imbricados, ou seja, as palavras possuem um valor social atreladas a elas.

Referências

ALMEIDA, M. Govêrno não ouve apêlos dos surdos-mudos, que se querem integrar para viver melhor. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 78, n. 64, 24 jun. 1968. Caderno 1, p. 37. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/117379. Acesso em: 11 jul. 2023.

ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

ASSISTÊNCIA AOS SURDOS. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 64, n. 241, 7 out. 1954. Caderno 2, p. 17. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/44805. Acesso em: 11 jul. 2023.

BATISTA, G. M.; SANTOS, M. P.; BOM CONSELHO, T. H. Surdo-mudo e deficiente auditivo: investigação lexical de um processo de mudança. *Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais*, v. 7, n. 1, p. 55-87, 2018.

BERGALLO, Laura. O papel da família no desenvolvimento do surdo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 102, n. 230, [24] nov. 1992. Caderno Desafio de hoje, p. 10. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_11/95960. Acesso em: 11 jul. 2023.

BIDERMAN, M. T. C. A estruturação mental do léxico. In: BORBA, F. S. (Org.). *Estudos de filologia e linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981, p. 131-145.

BIDERMAN, M. T. C. Conceito linguístico de palavra. *Revista Palavra*, n. 5, p. 81-97, 1999.

BRASIL. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 23 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica*. Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/orientador1.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2019.

CAMBRAIA, C. N. Da lexicologia social a uma lexicologia sócio-histórica: caminhos possíveis. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 21, n. 1, p. 157-188, 2013.

CAMBRAIA, C. N.; ROMERO, S. C. Neologismos em uma Perspectiva Sociolinguística. *PERcursos Linguísticos*, v. 5, n. 10, p. 74-91, 2015.

CERQUEIRA, S. Os sinais das últimas notícias: os surdos-mudos já têm o seu Jornal Nacional. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 98, n. 198, 23 out. 1988. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/245964. Acesso em: 11 jul. 2023.

CORREIA, F. J. G. Discriminação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 100, n. 151, 6 set. 1990. Caderno 1 [Cartas]. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_11/20203. Acesso em: 11 jul. 2023.

ESPAÇO [Clínica]. Atendimento Psicológico [Anúncio]. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 98, n. 205, 30 out. 1988. Saúde Integral [Espaço para anunciantes], p. 68. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/246575. Acesso em: 11 jul. 2023.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. *LIBRAS em Contexto: Livro do Professor/instrutor. Curso Básico. Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos*. Brasília: MEC/SEE, 2001.

FREITAS, A.; DINORAH, L. Tele-Social. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 117, n. 173, 2. ed., 28 set. 2007. Coluna Gilberto Amaral, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_12/231858. Acesso em: 11 jul. 2023.

FREITAS, J. I. Os mistérios da hereditariedade: filho de surdo-mudo é surdo-mudo? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 76, n. 191, 1966. p. 28. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/88287. Acesso em: 11 jul. 2023.

GARCIA, R. R. O. *Qualidade de vida da pessoa surda no ambiente familiar*. 2016. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

GEERTS, D. *Theories of lexical semantics*. New York: Oxford University Press, 2010.

MARTELOTTA, M. E. Dupla articulação. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 37-41.

MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie: domaine français*. Trad. de C. N. Cambraia. 9. ed. Paris: Didier, 1973.

MOREIRA, F. S. R. *História de vida e concepção de docentes surdos acerca das políticas de inclusão na educação superior no DF*. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2014.

O 83º ANIVERSÁRIO DO INSTITUTO SURDOS-MUDOS. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 50, n. 227, 27 set. 1940. p. 13. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_06/5455. Acesso em: 11 jul. 2023.

SÁ, A. Da peregrinação brasileira a Roma. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 60, n. 166, 20 jul. 1950. p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/4358. Acesso em: 11 jul. 2023.

SANTOS, M. R. *Educação de surdos: o discurso da inclusão educacional produzido por surdos e ouvintes*. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Escola Superior de Artes e Turismo, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2017.

SEMANA DO EXCEPCIONAL TEM COMO TEMA PRINCIPAL DOS DEBATES PROBLEMA DO SURDO. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 86, n. 138, 24 ago. 1976. Caderno 1, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/78183. Acesso em: 11 jul. 2023.

SURDO-MUDO OU DEFICIENTE AUDITIVO?

**Marcos Roberto dos Santos
Francilene Machado de Almeida
Falk Soares Ramos Moreira
Renata Rodrigues de Oliveira Garcia
Marta Ingrith Cabrera Molina**

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 3. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2015.

Recebido em: 30/09/2022.

Aceito em: 14/04/2023.